

## Lugar e o não-lugar de idosos institucionalizados: o idoso e a tal da Geografia



*Bianca Catarine Fatiga Patera*

**S**egundo projeções estatísticas da Organização Mundial da Saúde, OMS, e a própria Organização das Nações Unidas, ONU, o período entre 1975 a 2025 pode ser considerado como a *era do envelhecimento*. Esse fenômeno, em escala global, envolvendo países desenvolvidos ou não, reflete as mudanças na pirâmide demográfica e traduz o aumento substancial do número de idosos, em relação ao da população jovem.

Seja pelas conquistas médico-sanitárias, pelo declínio nas taxas de mortalidade e natalidade, e/ou pelo aumento da expectativa de vida: os idosos fazem parte de um segmento da população que merece especial atenção. Principalmente em virtude das frequentes adversidades socioeconômicas,

conflitos familiares e dependência física e/ou psíquica que podem levar a institucionalização.

Este artigo sobre o idoso e a Geografia (termo com o qual pretendo introduzir essa ciência no presente contexto), em um primeiro momento, parece difícil de entender, pois é uma tentativa de conciliar a ciência geográfica com o estudo da velhice. No entanto, basta nos atermos ao fato de que tudo começou com o processo de envelhecimento e as transformações na pirâmide demográfica, campos de estudo do geógrafo.

Esse campo se fortaleceu através da coleta e da quantificação dos dados para avaliar fatores e consequências do envelhecimento, tais como: perfis socioeconômicos dos indivíduos, políticas públicas, e ainda *espacializar* a distribuição da população idosa dentro de um dado território.

Foram os apontamentos do professor Odeibler Santos Guidugli, geógrafo, da Unesp campus de Rio Claro, que despertaram em mim a percepção de como os dados referentes aos idosos no Brasil (pontos chave do processo de envelhecimento descritos como variáveis nas taxas de natalidade, mortes e taxas de mortalidade, migrações e taxas de migrações) ainda são muito falhos e insuficientes para descrevê-los, haja vista que a atenção a essa população é algo muito recente e remete a necessidade de um olhar mais próximo e profundo em relação aos dados disponíveis, especialmente aos velados – não oficiais:

O envelhecimento que ora começa a exibir seus traços marcantes no país de 1995 ou de 1998, representa a projeção de situações verificadas cinco ou mais décadas atrás quanto às dinâmicas da fecundidade e da mortalidade além daquela mais complexa envolvendo os processos migratórios. São elas que forneceram, para a atualidade, o tamanho e a estrutura populacional alterada por várias inovações. Nesta questão impõem-se assim, no país, enfrentar dois desafios: aquele da capacidade de aperfeiçoamento das informações existentes bem como a da geração de novas categorias de informações que possibilitem uma compreensão mais adequada do processo de envelhecimento e, simultaneamente a melhoria em nossa capacidade de exercitar análises com base nos dados disponíveis, inclusive aqueles não oficiais. (GUIDUGLI, 1998: 2241)

Essas reflexões iniciais impulsionaram-me a divulgar o presente trabalho, embasado na Geografia da Percepção, cujas concepções se apoiam no método fenomenológico. Essas concepções foram explicadas por Relph:

A intenção ao observar um fenômeno geográfico de experiência, de contato, é descrever, não explicar, a coisa experimentada; ao descrever o fenômeno, coloca-se no

lugar dos que o estão experimentando; fazer uso do maior número possível de fontes; procurar consistência e estruturas nos significados do fenômeno; a partir da identificação e interpretação das estruturas de experiência (geográfica), examinar onde essas estruturas se originam, como se desenvolvem e sofrem transformações, procurando colocá-las num contexto de origem mais amplo. (1979, apud ROCHA, 2003: 5)

Assim, descreverei os caminhos que percorri e percorro para entender o envelhecimento populacional e o espaço ou lugar no qual o idoso desempenha seu papel social.

### **Geografia da Percepção: ferramenta no estudo do envelhecimento**

O espaço geográfico, dentro da concepção fenomenológica, deve ser entendido como um objeto que representa e manifesta o sentido e estrutura da relação homem e meio (DUARTE, MATIAS, 2005). Por isso, a percepção dos fenômenos exige uma relação entre o mundo concebido e o percebido cuja mediação se dá através do corpo humano, ou seja, é uma forma da consciência humana relacionar-se com coisas e fatos vividos, *como realidades qualitativas* (CHAUÍ, 1995: 236). Para Rocha,



Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção são formas indissociáveis de conhecer o mundo. A fenomenologia veio para mostrar que o ser humano vê o mundo e seus fenômenos de acordo com sua cultura, meio ambiente, formação educacional, estado emocional, entre outros fatores que formam seu entorno e seu interior. Através da Semiótica, os fenômenos se nos apresentam por meio de signos que são percebidos e interpretados pela linguagem verbal e não verbal (imagens, gestos, sinais, entre outros). A Geografia, apoiando-se na Fenomenologia e na Semiótica, criou uma forma peculiar de interpretar os fenômenos humanos no espaço: é a Geografia da Percepção. (2003: 2)

Este relato de experiências, vivenciado com idosos institucionalizados, inova ao contextualizar a Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) como lugar e não lugar, e por mostrar o diferencial do olhar geográfico iniciado durante estágio de graduação em Geografia, em um município do interior de São Paulo, meados de 2009/2010.

Portanto, o ambiente será fonte direta de dados, ressaltando que os levantamentos histórico e bibliográfico foram de suma importância para desenvolvimento e conclusão do estudo. Sendo assim, o conjunto de técnicas interpretativas utilizadas propõe a descrição e decodificação dos componentes

encontrados nos relatos de idosos institucionalizados deste estudo, que permeiam a significação de lugar.

Dentre essas técnicas destaca-se a pesquisa qualitativa que, dentro do paradigma interpretativo, pressupõe o *entendimento do homem como um agente social que influencia e é influenciado pela estrutura social, dotado de percepções peculiares da realidade que permitem uma interpretação própria da sua realidade* (SILVA et. al., 2005: 70). Ou seja, traz a relação entre diferentes agentes sociais e o fenômeno estudado ao abranger conceitos e significados distintos, presentes nas sociedades.

O contato com o mundo e as sensações que essa vivência é capaz de produzir podem levar o indivíduo a estabelecer percepções sobre aquilo que observa, ou seja, pode existir um mundo concebido (visão externa) e outro percebido (visão interna, subjetiva), segundo Rocha (2003). Destacando, por outro lado, que Husserl, criador do método fenomenológico, define fenômeno como:

...tudo aquilo que é vivência, na unidade de vivência de um eu: fenomenologia é, por conseguinte, a doutrina das vivências em geral, abrangendo também a doutrina de todos os dados, não só os genuínos, mas também os intencionais, que podem ser evidenciados nas vivências. (HUSSERL, 1975, apud ROCHA, 2003: 5)

Nos estudos científicos produzidos por geógrafos também são encontrados a tendência pela busca de recursos distintos de análise, mais abrangentes no âmbito sociocultural e simbólico.

### **Institucionalização: Lugar e Não Lugar**



Durante estágio em órgão público municipal, tive acesso ao conhecimento da demanda dos idosos do município onde residia. De fato, essa temática já me interessava, pois tinha planos de abordar a questão da capacidade funcional e da espacialização dos idosos na cidade, em meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Embora, oficialmente, minha função no local de trabalho não fosse a análise de questões próprias da velhice, meu interesse acabou fazendo com que me inserisse no grupo que abordava tais questões.

Vivíamos em um período de discussões acerca das condições estruturais que uma ILPI deveria ter; envoltos no paradoxo da realidade percebida e da alta demanda de idosos carentes no município, quando fomos conhecer de perto as

irregularidades na estrutura e organização de instituições, especialmente daquelas em iminência de serem fechadas.

Contávamos com uma equipe multidisciplinar (terapeuta ocupacional, assistentes sociais, advogados e eu, estudante de geografia), todos se esforçando para encontrar soluções que mitigassem a falta de locais apropriados para alocação desses idosos; bem como empenhados em buscar alternativas para a situação de abandono a qual alguns estavam submetidos.

Um fato marcante que se percebia em relação à administração de algumas instituições era a falta de profissionais qualificados, especializados para acolher e atender a demanda dos idosos. Não raras vezes, quem administrava e organizava essas casas eram pessoas sem muito conhecimento normativo de funcionamento e direitos a cuidados que devem ser administrados na projeção de uma ILPI.

A instituição visitada localizava-se num bairro tranquilo e residencial da cidade, de construções antigas e boa vizinhança, apesar dos moradores quase nunca se envolverem em atividades relacionadas aos idosos e/ou a própria instituição, alguns nem sabiam de sua existência.

A casa na qual se situava o lar de idosos era bastante antiga, com estrutura já comprometida pelo tempo, o qual lhe rendiam algumas rachaduras nas paredes e infiltrações. O portão de grades vazadas que dava para a rua ficava constantemente fechado, sendo necessário esperarmos um funcionário nos atender e abri-lo.

A infraestrutura da casa foi, de fato, o que mais chamou a minha atenção ao entrar na instituição. Na entrada, o pátio, onde encontrei idosos sentados em cadeiras plásticas, unidos por um único entretenimento: a televisão.

Subindo dois degraus de escada, começavam os dormitórios com camas postas de modo desordenado: suas quinas em posição perigosa poderiam lesar os que passavam por ali.

Na sala de estar, que também era de jantar, apenas uma mesa de não mais que oito lugares. Insuficiente para acomodar os trinta idosos que ali viviam. A cozinha, em piso rebaixado, tinha uma entrada para essa sala e outra para o quintal.

O quintal era um espaço um pouco mais amplo, com alguns bancos de madeira e cadeiras plásticas dispostas aleatoriamente, conjugado com a lavanderia que também tinha os varais de estender roupa. Ali, os idosos tomavam “banho de sol”, e passavam boa parte do tempo.

A partir desse ponto ressalto que, seguindo as diretrizes da Portaria 810/89 a ILPI adequada, é definida como estabelecimento “com denominações diversas, correspondentes aos locais físicos equipados para atender pessoas com 60 (sessenta) ou mais anos de idade, sob-regime de internato ou não, mediante

pagamento ou não, durante um período indeterminado e que dispõem de um quadro de funcionários para atender às necessidades de cuidados com a saúde, alimentação, higiene, repouso e lazer dos usuários e desenvolver outras atividades características da vida institucional”.

Ressalta ainda, em relação à infraestrutura que “A área física destinada a atender idosos deve ser planejada levando-se em conta que uma parcela significativa dos usuários apresenta ou pode vir a apresentar dificuldades de locomoção e maior vulnerabilidade a acidentes, o que justifica a criação de um ambiente adequado”.

O ambiente encontrado era totalmente diferente do otimizado pela legislação. Se o espaço de uma ILPI é cercado de paradigmas que, automaticamente, nos remetem a solidão, abandono e frieza, como poderemos viabilizá-las se parecemos longe de extingui-las ou de aperfeiçoá-las?

O relato torna-se uma percepção complexa pelo fato do paradoxo da falta de infraestrutura e precariedade encontradas no espaço da instituição versus o sentimento de alocação e lugar percebidos nos idosos, que relatarei a seguir.

### **De não lugar a lugar: a percepção dos idosos**



Os moradores idosos conviviam com pacientes psiquiátricos, que ainda eram jovens, e com poucos funcionários, apenas uma auxiliar de enfermagem (responsável pelos cuidados essenciais e por ministrar os medicamentos), uma cozinheira e os dois proprietários.

Ociosos, permaneciam envolvidos pelo marasmo do ambiente: sem atividades de lazer, sem sociabilização interna e nem convivência externa; muitos, com a lucidez comprometida, conversavam entre si,

fantasiando situações ou contando inúmeras vezes as mesmas lembranças da juventude.

A maioria tinha família, mas não recebia visitas regularmente. O cotidiano marcou em seus semblantes certo grau de apatia, talvez por terem a saúde debilitada ou porque pareciam ter perdido “o gosto” pela vida.

A ausência da família parecia peça chave nesse processo de desligamento. Eles viviam sem suas raízes. Isso tudo era agravado pelo compartilhamento dos objetos pessoais, ou seja, ninguém tinha seus próprios pertences, roupas e sapatos, tudo era comunitário: não era das pessoas, era do local.

Entretanto, conversando informalmente com cada um dos moradores, percebi um sentimento de pertencimento e de afeto por aquele local, pois se diziam satisfeitos. Diziam que ali era seu lar.

Aquelas respostas tão humildemente colocadas foram de grande surpresa – e de grande valia. Apesar de todas as irregularidades da instituição, aqueles que ali moravam a chamavam lar. Observei que os moradores adotaram um caráter bastante peculiar de lugar, a partir da criação dos laços com o espaço onde moravam.

Acredito que, naquele momento de suas vidas era ali que se encontravam, apesar da nostalgia e da solidão permear a cabeça de muitos. De certa forma, abriram mão da vaidade, da individualidade por assim dizer; mas envoltos no contexto de institucionalização conseguiram configurar para sobreviverem: um projeto de comunidade. Como? Aceitando conviver com diferenças, pois os conflitos entre eles eram raros – pareciam ter, dentro daquele cenário, uma “identidade comum”.

Quando surgiam pequenos conflitos, a própria perda cognitiva, “conspirava” a favor: tratava de fazê-los esquecer poucos minutos depois. Muito diferente do que relatavam em relação aos conflitos entre eles e seus familiares.

Lembrei, também, que certa vez tive contato com seus familiares e parentes, em uma reunião proposta pela Secretaria de Ação Social do Município. Nessa ocasião, os poucos parentes que compareceram alegaram não ter condições de reinserir seus idosos no âmbito familiar, alguns por motivos de ordem financeira, mas, para a maioria o grande empecilho no processo de reaproximação era os conflitos familiares pré-existentes.

Ponto esse que corrobora com inúmeras pesquisas acerca dos laços entre idosos institucionalizados e seus parentes, ou seja, são esses conflitos que motivam grande parte das institucionalizações dos idosos, e que inibem o reestritamento dos laços familiares ou de parentesco.

Esse quadro ficou ainda mais claro quando lhes perguntei como era a vida, o dia a dia na casa de suas famílias. As lembranças relatadas eram de tristeza, de descontentamento e vazio. Contrapunham dizendo que na instituição, porém, sentiam-se acolhidos e que formavam um grupo: cada qual com sua solidão e suas lembranças. Neste momento percebi que ali se tinha criado um lugar.

O cenário que descrevi evoca o significado *de uma paisagem*, que pode remeter à experiência (individual ou coletiva) com o ambiente e propõe a reflexão sobre os *meios pelos quais os seres humanos respondem ao ambiente e que podem variar desde a apreciação visual e estética até o contato corporal; as relações de saúde, familiaridade e conhecimento do passado para com a topofilia* (TUAN, 1980: 106).

O termo *topofilia* foi definido como *todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, sendo a topofobia o sentimento de repudia ou mal estar do indivíduo com relação a um determinado lugar* (TUAN, 1980: 129).<sup>1</sup>

Ante a percepção desse grupo de idosos, passei a refletir mais sobre os meus próprios valores, sobre minhas próprias percepções. Criamos o tempo todo, e de modo simbólico, locais nos quais nos encontramos com nós mesmos; com a nossa subjetividade. Muitas vezes deparamo-nos com situações desconfortáveis, como se nossa presença num dado local não fosse algo familiar. Entretanto, em ambientes muitas vezes inesperados, temos a sensação de acolhimento; como se pertencer não tivesse critérios além do que nossos próprios sentimentos.

Justamente relacionando esse pertencimento inesperado às próprias vivências que tive junto aos idosos, tomo por minhas as palavras do educador Jorge Larrosa Bondía que, brilhantemente, sugere que *“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”* (LARROSA, 2002: 21).

Dessa forma, em algum momento da minha experiência real e subjetiva fui tocada pela situação dos idosos. É difícil saber ao certo o que me levou a buscar essa temática como peça chave da minha formação acadêmica, mas posso dizer, com certeza, que vivenciar um pouco do cotidiano dessa população me toca de modo profundo. Desafia-me a querer compreender como se dá o complexo envelhecimento do ser humano e, mais do que isso, como nos aceitamos em relação a nós mesmos e aos espaços de nossa convivência com a velhice.

### **Considerações finais**

A geografia da percepção encaixa-se como um ramo da ciência do indivíduo, da compreensão do espaço e da subjetividade humana.

O processo de envelhecimento já não é somente uma projeção, e sim, uma realidade para a qual ainda não estamos preparados. São inúmeras as defasagens, tanto nas políticas públicas, como em nossas ações como cidadãos. Aceitar o outro, em sua individualidade é algo muito difícil, muito recente, principalmente se o outro já não se comporta como socialmente se espera, apresentando sinais de corpo e mente cansados, muitas vezes com os

---

<sup>1</sup> O fato das imagens serem extraídas do meio ambiente não significa que o mesmo as tenha determinado, nem necessitamos acreditar (...) que certos meios ambientes possuem irresistível poder de despertar sentimentos topofílicos. O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideias. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. (TUAN, 1980: 129).

déficits que o próprio processo sugere, mas continua vivendo, apoiado em sua subjetividade, e realizando seus desejos mais singulares.

Numa sociedade ainda tão cercada de paradigmas, como é possível encontrar nosso lugar? Um lugar deveria ser um ambiente otimizado, cercado das estruturas que nos garantissem o bem estar, mas o que afinal pode garantir e otimizar esse bem estar?

A proposta aqui apresentada buscou, à luz da Geografia da Percepção, estimular a reflexão acerca de: o que nos torna pertencentes a um ambiente; como compreender o paradoxo que conota a determinado espaço os laços suficientes para torná-lo um lugar simbólico, cercado de estigmas e de lembranças; diferenças entre pertencer e não pertencer e distinção entre lugar e não-lugar.

## Referências

BALSAN, R. Espaços de turismo e lazer dos idosos em Rio Claro – SP / Rosane Balsan. – Rio Claro: [s.n.], 2005 170 f.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Universidad de Barcelona, Espanha. Fev/ 2002.

ESPITIA, A.Z.; MARTINS, J. J. Relações afetivas entre idosos institucionalizados e família: encontros e desencontros. Arquivos Catarinenses de Medicina. Santa Catarina, 2010.

ESTATUTO DO IDOSO – *Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003*. São Paulo: Sugestões literárias, 2003.

GUIDUGLI, O. S. A espacialização do envelhecimento populacional e dos idosos no Estado de São Paulo. XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP

ROCHA, L. B. Fenomenologia, Semiótica e Geografia da Percepção: alternativas para analisar o espaço geográfico. Revista da Casa da Geografia de Sobral, Sobral, v. 4, n. 5, p. 67-79, 2003.

SANTOS, M. Técnica, tempo, espaço: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Ação Social. Rio Claro, 2009/2010.

TUAN, Y-f. Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de L. de Oliveira. São Paulo, Rio Claro: DIFEL, 1980.

*Data de recebimento: 25/05/2012; Data de aceite: 25/06/2012.*

---

**Bianca Catarine Fatiga Patera** - Licenciatura em Geografia (UNESP-RC),  
Especializanda em Gerontologia (PUC-SP). E mail:  
[bianca.patera@yahoo.com.br](mailto:bianca.patera@yahoo.com.br)